

# | 661 | INFLUÊNCIA DE UM ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL) NUM ARRANJO TERRITORIAL: CONTRASTES E DESAFIOS DA POLÍTICA PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO

*Valmir Macedo de Souza*

## **Resumo**

O artigo trata do Arranjo Produtivo Local – APL da cultura do abacaxi no município de Itaberaba na Bahia buscando mostrar as contradições nas políticas públicas ao incentivar atividades geradoras de renda sem considerar na mesma dimensão os fatores ambientais e socioculturais, e o quanto isso tem interferido no planejamento do Território Piemonte do Paraguaçu no qual o referido município está inserido. Faz ressalvas aos avanços gerados pela referida atividade e chama a atenção aos perigos observados no modelo de produção em curso (monocultura). Apresenta dados da atividade na região nos aspectos positivos (geração de renda) e nos aspectos negativos (danos ambientais). Por ser um APL conduzido por agricultores familiares (personagens muito prejudicados nos processos de desenvolvimento), o artigo busca despertar as instituições envolvidas, sugerindo possíveis alternativas para uma reestruturação da atividade produtiva em questão procurando adequá-la ao que se considera como sustentável, sem causar prejuízos para os produtores e região. Para um melhor entendimento da proposta, é feita uma abordagem sobre os conceitos de sustentabilidade, desenvolvimento local e gestão social, no contexto do desenvolvimento territorial.

**Palavras -chave:** Abacaxi; Desenvolvimento Local; Gestão Social; Sustentabilidade.

## **1. Introdução**

Esta pesquisa foi realizada considerando a importância que tem apresentado a cultura do abacaxi na região do município de Itaberaba na Bahia, como uma atividade de grande relevância econômica, mas também de grandes impactos sociais e ambientais. E tem como objetivo apresentar dados referentes aos trabalhos desenvolvidos com a cultura do abacaxi nessa região, as transformações ocorridas nesse município através da exploração dessa atividade bem como as limitações existentes e indicar alternativas que contribuam para o equilíbrio e a sustentabilidade das famílias de agricultores que vivem nessa região adequando assim ao desenvolvimento do Território.

O município de Itaberaba está localizado no Território Piemonte do Paraguaçu, região Médio Paraguaçu do estado da Bahia, a uma distância de 266 Km da cidade de Salvador, capital do estado. Com uma área territorial de 2.343,549 Km<sup>2</sup> e uma população de 61.631 habitantes é o município com maior expressão econômica desse Território. É considerado como o Portal da Chapada Diamantina, banhado pela bacia do rio Paraguaçu, compõe o bioma caatinga, inserido no Semi-Árido do Nordeste Brasileiro. Possui um índice

pluviométrico anual médio de 744 mm sendo o mínimo de 152 mm e máximo de 1.494mm. As chuvas têm distribuição bastante irregular, com totais anuais geralmente variando entre 600 e 800 mm. E apresenta uma temperatura média anual de 23,4° C.

Com um PIB de R\$ 338.606 milhões no ano de 2009 (IBGE), e uma economia tradicionalmente ligada à pecuária (bovinos, ovinos e caprinos), o município tem também aptidão para a apicultura, a piscicultura, a fruticultura irrigada e em sequeiro para as espécies adaptadas ao clima quente como as culturas de caju e de abacaxi. Outras culturas da agricultura familiar também apresentam aptidão para a produção na região, sendo nesse caso mais dependente das variações climáticas que determinam as épocas de plantio como a mandioca, mamona, feijão, milho, abóbora, melancia e muitas outras.

A cultura do abacaxi mudou intensamente a economia desse município a partir dos anos 90 destacando-se atualmente como a principal atividade produtiva do município, tanto no que se refere a empregos gerados direta e indiretamente bem como em recursos financeiros injetados no mercado local. O município hoje é responsável por mais de 60% da produção baiana de abacaxi, firmando-se como o maior produtor dessa fruta no estado e o 4º maior produtor em nível de produção do país. Atualmente é cultivada uma área de aproximadamente 5.000 ha com aproximadamente 2.500 produtores, gerando cerca de 6000 empregos diretos e indiretos e uma receita anual em torno de 60 milhões de reais.

A exploração dessa cultura no município foi iniciada por alguns agricultores familiares, tendo o avanço intensivo da produção a partir de pesquisas desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em parceria com a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), que incentivaram os agricultores familiares a investirem no plantio com acesso ao crédito agrícola através do Banco do Nordeste (BNB). Com o avanço, foi criada a Cooperativa dos Produtores de Abacaxi de Itaberaba (COOPAITA) e depois foi criado o Comitê Gestor do Abacaxi envolvendo essas instituições citadas e outras relacionadas à atividade.

O surgimento dessa atividade na região representou mudanças significativas na vida das famílias rurais que sem alternativas vendiam diárias de serviços para fazendeiros em reformas de pastagens, cercas, e outros serviços rurais a valores muito baixos para adquirirem o alimento de subsistência. Com a chegada da atividade essa mão-de-obra passou a ser própria produzindo frutos que através da organização em cooperativa passaram a vender diretamente em mercados de grande porte como a CEAGESP - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo. Hoje para o fazendeiro contratar uma mão-de-obra na região é necessário propor remuneração que justifique o pagamento

dos serviços necessários. Portanto, esta atividade também contribuiu para valorização do agricultor familiar.

Área de abacaxizeiro frutificado em Itaberaba



Foto: COOPAITA

Embora o APL da cultura do abacaxi de Itaberaba esteja proporcionando renda significativa para os agricultores familiares e também contribuindo para um avanço na organização social (através da ação da COOPAITA) importante para o desenvolvimento local e regional, percebe-se que a atividade não está estruturada para ser entendida como sustentável (ver mais adiante item 2.3 desenvolvimento local e sustentabilidade), pois está focada na dimensão econômica, mas em desequilíbrio nos aspectos culturais e ambientais, sobre os quais se não for desde já iniciado um processo de mudanças nos novos plantios, que venha corrigindo as deficiências explicitadas, a expectativa é de cada vez mais ir se estruturando como mais uma atividade capitalista e destruidora do ambiente e da diversidade cultural existente nas comunidades rurais, através da hegemonização<sup>1</sup> da atividade, fragilizando assim a característica cultural básica de sustentação das comunidades rurais que é a diversidade do sistema de produção.

Outro fator que merece destaque nesse APL é a causa de um fenômeno conhecido pelos economistas como fenômeno da externalidade negativa, ou seja, a expansão da atividade está influenciando ao mesmo tempo em prejuízos a outra atividade. Nessa

---

<sup>1</sup> Hegemonização - Dar hegemonia a, colocar em situação de vantagem ou de domínio, supremacia da atividade sobre as outras, dominação.

região há outra APL importante com a atividade da Apicultura, a qual estava em crescimento também incentivada pela EBDA enquanto não havia a expansão intensa da cultura do abacaxi. A partir desse crescimento do APL Abacaxi, houve avanços consideráveis nos desmatamentos da vegetação nativa da região, principal fonte de sustentação da apicultura, e intensificou também o uso de agrotóxicos utilizados no controle de “ervas espontâneas”<sup>2</sup>, para reduzir o custo com relação às capinas manuais, e no combate as pragas (brocas, cupins, cochonilhas e outros) e principalmente combate à doença “fusariose” causada por um fungo, afetando consideravelmente esta outra promissora atividade (a apicultura).

Considerando a importância dessas duas atividades citadas para o desenvolvimento do Território, faz-se necessário um aprofundamento de estudos e pesquisas voltadas para estas e outras atividades que fortaleça a diversidade de forma que se complementem ao invés de se chocarem, uma vez que se trata de atividades importantes exploradas por um mesmo público (agricultores familiares) e que são carentes de oportunidades para manterem suas rendas necessárias à suas sobrevivências.

**Plantio de abacaxi - podendo se vê ao fundo alguns pés de umbuzeiro e ouricurizeiro, espécies nobres da caatinga, demonstrando assim área em que a caatinga nativa foi substituída pelo plantio de abacaxizeiros.**



Foto: COOPAITA

---

<sup>2</sup> Ervas espontânea - qualquer planta que nasce espontaneamente pelo processo natural onde não é desejada e que na agricultura convencional costumam chamar de “daninhas”.

Para esta pesquisa foi investigada a atuação do poder local no âmbito das instituições públicas e organizações da sociedade civil envolvidas no referido arranjo produtivo e qual o poder de intervenção de cada um dos envolvidos, bem como a concepção que estes têm sobre desenvolvimento e gestão e o poder dos instrumentos disponíveis frente aos interesses do poder do capital e o poder político. As suposições que nortearam a pesquisa, originando este artigo foram baseadas no conhecimento de uma realidade local em que se fez acreditar que uma atividade tão bem adaptada ao solo e clima da região, seja possível de ser adaptada a modos de exploração menos impactantes ao ambiente e aos valores culturais de forma que possam ser eliminadas as ameaças atuais.

Espera-se com os resultados mostrados nessa pesquisa, que as instituições envolvidas no desenvolvimento do território se unam em torno de uma ação integrada da busca de melhores condições para o desenvolvimento local e regional com todas as atividades que se destacarem de forma que estas passem a se somar para garantir bem estar a todas as famílias integradas no sistema de produção local.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1. A Cultura do Abacaxizeiro (*AnanasComosus*)**

Conforme pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) da unidade de pesquisa em Mandioca e Fruticultura, Cunha e Cabral in O Abacaxizeiro, Embrapa (1999 p. 17) citando vários autores descreve que o abacaxizeiro é originário da região compreendida entre 15° N e 30° W de longitude, o que inclui a zona central e sul do Brasil, e que tudo indica ser o Brasil o país de origem do abacaxi.

O abacaxi é explorado em Itaberaba a aproximadamente 40 anos, inicialmente em pequenas propriedades e áreas pequenas de plantio no máximo até duas hectares e por poucos agricultores familiares utilizando mão-de-obra e recursos próprios. Só a partir dos anos 90 a atividade ganhou crescimento e representatividade econômica.

Segundo Cunha in Embrapa versão eletrônica (2003 p. clima) o abacaxizeiro é uma planta de clima tropical, apresentando crescimento ótimo e melhor qualidade na faixa de temperatura de 22 a 32° C, com amplitude térmica de 8 a 14° C, e chuvas de 1.200 a 1.500 mm anuais, bem distribuídas. A planta exige boa luminosidade, com média de 6,8 a 8,2 horas de luz solar por dia. Uma umidade relativa do ar média de 70% ou superior é desejável, mas a planta suporta bem variações moderadas deste fator climático.

Cunha explica que na região de Itaberaba Bahia, inserida na região do semi-árido brasileiro, as chuvas têm distribuição bastante irregular, com totais anuais entre 600 e 800

mm. E que, apesar da ocorrência de períodos relativamente longos de deficiência hídrica ao longo do ciclo do abacaxizeiro, a lavoura não é irrigada devido a disponibilidade de água muito reduzido nas propriedades. Mas que, por outro lado, a temperatura encontra-se na faixa boa a ótima para o desenvolvimento da planta, o mesmo ocorrendo com a insolação.

Conforme a Cooperativa dos Produtores de Abacaxi de Itaberaba – COOPAITA, em Itaberaba a cultivar mais explorada é a Pérola. As épocas de plantio ocorrem nos meses de janeiro a abril, período em que está se encerrando as “chuvas de trovoadas”, pois o cultivo de abacaxi nesse município é praticamente todo no sistema de sequeiro, só as propriedades que tem acesso ao rio Paraguaçu fazem o cultivo irrigado, porém ainda são poucas propriedades nessa área que está cultivando o abacaxi.

Conforme Cunha in Embrapa versão eletrônica (2003 p. doenças) a fusariose, doença causada pelo fungo *Fusarium subglutinans* é a principal doença da cultura do abacaxi no Brasil sendo a única de importância econômica na região de Itaberaba. O controle começa com a eliminação dos restos de cultura do plantio anterior, de preferência por incorporação ao solo. O segundo passo é a utilização de mudas sadias produzidas de plantas que produziram frutos sadios em plantios onde a incidência da fusariose foi inferior a 5%. Cunha recomenda pulverizar as inflorescências preventivamente com fungicidas recomendadas para uso na cultura do abacaxi.

Já com relação a pragas, Sanches in Embrapa (1999 p. 307) diz que há 29 espécies de insetos associados à cultura e dessas apenas a Colchonilha (*Dysmicoccus brevipes*), a broca-do-fruto (*Theclabasalides*), a broca-do-talo (*Castinia icarus*) e o ácaro (*Dolichotetranychus floridanus*) tem causado maiores problemas. O mesmo recomenda para o controle, o uso de métodos mecânicos, controle biológico e também controles químicos com uso de inseticidas.

A comercialização dos frutos deve ser muito bem planejada, sendo facilitada pelo conhecimento prévio da época da colheita, determinada pela data de tratamento da indução floral (EMBRAPA versão eletrônica 2003 p. comercialização).

## **2.2. Gestão Social**

Na abordagem do Arranjo Produtivo Local, podemos entender a gestão social como um processo de gerir assuntos por meio da descentralização político administrativo, redefinindo formas de organização e de relações sociais com a transparência e efetiva participação da sociedade que compõe esse arranjo produtivo, o que implica a ampliação dos

níveis das capacidades humanas, sociais e organizacionais do referido segmento de produção.

A formação de Associações, Cooperativas e Conselhos, são meios de organização da sociedade através dos quais se podem atingir o objetivo da gestão. Quanto mais organizado for o sistema de participação, maior a capacidade de gestão e conseqüentemente maior será o poder local desse arranjo produtivo nas decisões políticas que estejam relacionadas ao setor e às comunidades envolvidas nesse.

Para uma boa gestão social faz-se necessário ter planejamento, organização, coordenação e controle social.

O Planejamento é entendido como a tomada de decisões, mobilizados e de arranjos institucionais, em função das prioridades de intervenção discutidas;

A Organização é vista como o movimento dos atores sociais do referido arranjo produtivo no sentido da organização de uma instância colegiada que se responsabilizará pela elaboração, implementação de estratégias pela promoção de seu desenvolvimento;

A Coordenação é entendida aqui como a execução dos planos com a definição de atribuições e tarefas correlacionadas com todas as atividades, com a criação e fortalecimento da institucionalidade do grupo, implicando em negociações e preocupação com a capacitação da organização no sentido de fortalecer sua capacidade de intervenção e inserção nos espaços de decisão em prol do bem estar dos seus membros;

E o Controle Social é o que busca o equilíbrio dinâmico entre o Estado, a Sociedade Civil e o Mercado, estabelecendo o controle de um sobre os outros. No controle a avaliação é importante, como momentos de aprofundamento da reflexão sobre os rumos do processo de desenvolvimento do local e a necessidade de redirecioná-lo.

A gestão social é um resultado processual que poderá ser alcançado por esses atores a partir de instrumentos que lhes permitam conhecer, avaliar e agir sobre a realidade. E, quando estamos discutindo Arranjo Produtivo Local, estamos falando de possíveis meios de fortalecimento do poder da sociedade do referido local buscando se atingir o desenvolvimento da referida localidade com direitos de igualdade.

Ao falarmos de Arranjos Produtivos Locais os quais têm papeis decisivo para o desenvolvimento local sobre o qual falaremos a seguir não se pode deixar de destacar a importância da gestão social nesse processo, uma vez que o verdadeiro desenvolvimento local não acontece sem a organização dos sistemas produtivos, em equilíbrio com os outros três pilares da sustentabilidade, o sócio cultural, o ambiental e o político/institucional, e

todos esses pilares incluindo o econômico não tem como se estruturar sem o entendimento e participação da sociedade local.

A participação dos diferentes segmentos da sociedade na discussão dos problemas locais também é funcional para a consolidação de uma identidade regional, entendida como o sentimento compartilhado de pertinência a uma comunidade territorialmente localizada. A existência dessa identidade é condição essencial para que um determinado território possa, de forma significativa e não arbitrária, ser denominado de região (BANDEIRA, 1999 p. 29)

A prática reiterada da participação de membros dos diferentes segmentos da comunidade na discussão, formulação, implementação e avaliação de ações de interesse da região pode contribuir, sem dúvida, para fortalecer essa percepção, ajudando a consolidar a identidade regional. Sem essa identidade, uma região constitui-se apenas no resultado de uma segmentação arbitrária do território, não podendo ser considerada um verdadeiro ente social. Caso se trabalhe com áreas que não possam ser encaradas como entes sociais perdem-se também grande parte do significado, do conteúdo e da eficácia das ações de planejamento regional (Ibid p. 29)

### **2.3. Desenvolvimento Local e Sustentabilidade**

Para falarmos de desenvolvimento local correlacionando ao termo sustentabilidade, precisamos qualificar nossa compreensão das concepções sobre esses termos, sobretudo numa perspectiva de desenvolvimento sustentável. Ao abordarmos sobre esses temas precisamos primeiro ter um melhor entendimento sobre a importância do espaço uma vez que já está comprovado que a natureza se transforma continuamente no seu todo. O local é composto também de outros valores que não só o econômico o qual tem sido unicamente considerado com maior relevância pela maioria das pessoas quando se discute desenvolvimento e APLs.

Segundo Santos (1988 p.17), num estudo regional deve-se tentar detalhar sua composição enquanto organização social, política, econômica e cultural, abordando-lhe os fatos concretos, para reconhecer como a área se insere na ordem econômica internacional, levando em conta o preexistente e o novo, para captar o elenco de causas e consequências do fenômeno. E que os elementos que se agrupam dando a configuração espacial de um lugar têm que passar por um estudo aprofundado, desde o homem até as instituições que vão dirigir, juntamente com as firmas, as formas de materialização da sociedade. Destrinchar as

relações existentes entre estes elementos, tornando os conceitos em realidades empíricas, permitirá que se vislumbre, no tempo e no espaço, a transformação.

Merico (1996 p. 17) apresentando as deficiências das análises econômicas do modelo de desenvolvimento clássico atual simplificado entre terra trabalho e capital, fala do modelo estudado e exposto por Eikes (1992), o qual apresenta um modelo de criação de riquezas diferente do atual e que inclui quatro tipos de capital: capital natural, capital humano, capital social/organizacional e capital manufaturado. E explicando as principais diferenças expostas por Eikes (1992) sobre esses capitais, Merico (1996, p.35) demonstra a importância da redefinição da terra como capital natural, incluindo nela os seres vivos e lembrar que este “capital”, é pré-condição básica não somente para a existência da produção, mas da existência da própria vida. E que é fundamental, portanto a condição ética, de que todas as formas de vida têm direito de existir, independentemente de seu possível uso para os seres humanos.

“Os limites biofísicos do planeta e sua capacidade de suporte, a incorporação do capital natural na análise econômica, os processos de aumento entrópico e as reestruturações dos macroindicadores são objetivos a serem perseguidos/contemplados na busca de processos econômicos sustentáveis” (MERICO, 1996 p. 20).

Quanto aos limites do ambiente natural, Merico (1996 p. 23) diz que existem inúmeros sinais de que o processo econômico baseado no crescimento ilimitado e na exacerbação do livre mercado tem achado seus limites, e que mais crescimento dentro dos atuais padrões, pode nos levar para mais longe ainda de uma sociedade sustentável. E que esses sinais indicam a necessidade urgente de mudanças nos paradigmas da economia e de uma nova racionalidade econômica em que a sustentabilidade seja o novo elemento reorganizador.

Estudando esses quatro capitais definido por Eikes (1992), Merico (1996 p. 31) chama atenção de que o capital natural não pode ser incluído no sistema de produção a custo zero, como tem sido no modelo econômico em vigência. Ele demonstra que o ambiente natural tem o seu limite e que a capacidade de sustentação do ecossistema será garantida quando forem seguidos os seguintes pressupostos: Não retirar dos ecossistemas mais do que sua capacidade de reorganização e não lançar aos ecossistemas mais do que sua capacidade de absorção. E diz: Estes dois pressupostos são talvez a definição mais clara de sustentabilidade.

Shiva (2003 p.68) faz uma profunda argumentação sobre os sistemas produtivos do agronegócio no atual modelo de produção em monoculturas, e avalia que como a

produtividade biológica da floresta natural, baseia-se na sua diversidade, a destruição do saber local e com ele a diversidade de sua vegetação, leva à degradação da floresta e ao solapamento da sua sustentabilidade. E que a uniformidade destrói as condições de renovação da vegetação natural. Segundo Shiva, a característica crucial da monocultura é que, além de substituir as alternativas, destrói também a sua base. Não tolera outros sistemas e não é capaz de se reproduzir de maneira sustentável. E que, o aumento da produtividade do ponto de vista comercial destrói a produtividade do ponto de vista das comunidades locais.

Shiva (2003 p.41) questiona ainda, o uso de herbicidas no combate a espécies tidas erroneamente como daninhas, e que a entrada de safras resistentes a herbicidas vai aumentando a entrada do uso desses produtos e com isso vai aumentando também a eliminação de plantas úteis econômica e ecologicamente. A resistência aos herbicidas também exclui a possibilidade de rotação de culturas e de introdução de safras mistas, essenciais para uma agricultura sustentável e ecologicamente balanceada, pois, as outras espécies são destruídas pelos herbicidas. Segundo a autora, estimativas norte-americanas mostraram em 2009 um prejuízo de US\$ 4 bilhões por ano devido a perdas resultantes das pulverizações com herbicidas. E estima uma perda muito maior para a Índia uma vez que a diversidade indiana é muito maior que a americana.

Essa estimativa que Shiva fez para a Índia vale para o nosso caso (o Brasil) onde temos uma diversidade também muito maior que no caso dos americanos.

Portanto, é preciso ressaltar que esse modelo atual de desenvolvimento implantado na economia global, pautado na industrialização, é um modelo que já demonstrou não ser sustentável, pois os recursos são escassos, têm limites e precisamos respeitar esses limites para falar em desenvolvimento local. É necessário aproveitar e viabilizar o uso dos vários recursos disponíveis no determinado espaço, fazendo a devida leitura do potencial e da limitação de cada um de forma articulada e que favoreça o equilíbrio contínuo, sincronizado com os movimentos de transformações naturais. Permitindo que as futuras gerações tenham um planeta razoavelmente preparado para que a espécie humana continue a habitá-lo como nos lembra o professor Dr. Ignacy Sachs in (Araujo 2009 p.16), bem como da nossa responsabilidade com as gerações presentes, com o problema social, e que isso desemboca sobre a questão territorial, devido à grande diversidade biológica, social e cultural dos diferentes territórios.

Falar em sustentabilidade é preciso partir desses estudos, considerando todos esses elementos aqui sucintamente abordados. Do contrário não podemos dizer que determinado sistema de produção é verdadeiramente sustentável.

### **3. Aspectos Metodológicos**

Os passos metodológicos desta pesquisa se deram inicialmente, pela visita à Cooperativa dos produtores de abacaxi de Itaberaba onde foi feito levantamento de informações sobre possíveis documentos existentes referente à atividade do abacaxi na região de Itaberaba. Em seguida, uma visita ao SEBRAE para ampliar as informações sobre os possíveis documentos existentes. Nessas duas instituições foram levantados alguns materiais sobre o assunto e algumas informações com os responsáveis por essas instituições. O passo seguinte foi uma visita à EBDA para continuar o levantamento de informações. Foi feito visitas de campo observando a dinâmica de funcionamento das atividades da COOPAITA e dos agricultores em campo. Aproveitando a oportunidade de um dia de campo comemorativo ao aniversário da COOPAITA, buscou-se acompanhar as atividades desenvolvidas e novidades apresentadas, ainda nesse dia aproveitando a presença de pesquisadores da EMBRAPA CNPMF (Centro Nacional de Pesquisa em Mandioca e Fruticultura) realizou-se entrevista com um dos principais pesquisadores envolvido com a atividade em Itaberaba e nos principais estados produtores de abacaxi. De posse das informações de campo, o próximo passo foi pesquisar na internet informações sobre o município de Itaberaba em dados do IBGE, Secretaria de Agricultura e Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. Após levantamento de todas estas informações citadas, foi feito levantamento bibliográfico e escolhido as melhores teorias fundamentadas sobre os assuntos relacionados ao tema em questão (APL), resumindo tudo isso nesse artigo.

### **4. Resultados**

A pesquisa permitiu comprovar que se trata de um APL muito importante por já apresentar um elevado nível de organização, com a coordenação de um Comitê Gestor, formado por organizações atuantes na área da pesquisa agropecuária, extensão rural, crédito rural, comércio e Cooperativismo, buscando constituir um sistema de rede que tem impulsionado a atividade na região. Além da atuação do Comitê Gestor e da COOPAITA, outros agentes formam uma teia no funcionamento do APL como o Banco SICCOOB – Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil, com forte atuação na região financiando os Cooperados da COOPAITA nos plantios de abacaxi; O BNB - Banco do Nordeste que também financia principalmente os agricultores familiares beneficiários do PRONAF –

Programa Nacional da Agricultura Familiar; e ainda algumas associações rurais que interagem com a COOPAITA na dinâmica produtiva (organizando grupo de trabalhadores para prestar serviços na atividade nas várias etapas do ciclo da cultura- plantio, adubação, pulverizações, combate a ervas “daninhas”, colheita, mercado).

A grande maioria dos plantios ocorre em área de sequeiro e praticamente todas as áreas são de agricultores familiares, sendo que alguns desses já evoluíram no seu sistema de produção e já se tornaram pequenos empresários do agronegócio do abacaxi. Esses contratam mão de obra de outras famílias locais e muitas vezes até de outras localidades e de municípios vizinhos para executarem suas atividades seguindo rigorosamente as exigências práticas do ciclo da cultura.

Já constituído como um importante APL em Itaberaba, o Abacaxi está se expandindo para outros municípios do mesmo território (Piemonte do Paraguaçu -BA) e que vem gerando renda aos agricultores familiares da região. Por outro lado vem gerando preocupação para quem está planejando o desenvolvimento do território pautado num modelo que se preconiza ser sustentável. O agronegócio dessa cultura em Itaberaba tem crescido consideravelmente nos últimos anos, estando atualmente, segundo informações da EBDA, com uma área de aproximadamente 5000 ha, em propriedades de aproximadamente 2.500 produtores, na sua grande maioria agricultores familiares, gerando cerca de 6000 empregos diretos e indiretos e uma receita anual em torno de 60 milhões de reais. Atualmente, a COOPAITA vem desempenhando uma importante função no que diz respeito à organização dos produtores e comercialização dos frutos, e no beneficiamento dos frutos menores sem valor comercial de forma in-natura, sendo estes, desidratados na fábrica da própria Cooperativa, agregando valor ao produto e viabilizando o aproveitamento destes no comércio.

A COOPAITA tem um papel preponderante na regulação do preço, na escala de produção para o escoamento da produção ter fluidez, ou seja, a Cooperativa planeja o período de indução floral de forma escalar, determinando as datas que cada associado deve fazer a indução de seu plantio para possibilitar que a colheita seja feita em dias diferentes evitando assim excesso de produto em dias iguais e assim evitar baixa de preço no chegar ao mercado. Conforme a COOPAITA a condição climática e época de plantio definem a sazonalidade da produção de abacaxi em Itaberaba. Normalmente, inicia-se a safra em torno de meados do mês de junho. A partir daí as colheitas aumentam apresentando maior produção nos meses de agosto e setembro com decréscimo a partir de outubro e término no mês de dezembro.

Fruto de primeira pronto para o carregamento a granel, indo para mercado consumidor in natura.



Foto: COOPAITA

Durante visitas a campo no período de levantamento de dados, foi possível se detectar, carregamento de caminhões em cargas a granel e em caixas, dependendo para qual o mercado a carga estava sendo direcionada. A seleção dos frutos a formar uma determinada carga também segue as regras de exigências do mercado relacionadas à qualidade e preço de acordo ao tipo do consumidor. A COOPAITA monitora todo esse processo de organização e negociação com os grandes centros consumidores.

Carga em caixas saindo para os mercados mais exigentes e mais distantes.



Foto: COOPAITA

Foram registrados também, dados importantes relacionados ao controle de pragas e doenças que diz respeito ao uso de agrotóxicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas). Com a atual área de plantio, estima-se um consumo médio anual de aproximadamente 8.000 litros de inseticidas, 20.000 litros de fungicidas, 20.000 litros de herbicidas e 4.000 litros de óleos adesivos.

Praticamente todos os produtores realizam monitoramento da área para verificar a ocorrência de praga e quando detectada faz-se pulverização química, mas a maior pulverização é feita de forma preventiva uma vez que a principal vilã do abacaxi nessa região é a doença “fusariose” causada pelo fungo *Fusarium subglutinans* o qual penetra quando há algum ferimento na planta. Nesse caso, a época de floração significa uma porta aberta para esse fungo, por isso se faz pulverizações preventivas no período da floração. Normalmente se combina as pulverizações das fungicidas juntos com as inseticidas para aproveitar a mesma mão-de-obra.

Em entrevista com um pesquisador da Embrapa foi perguntado sobre doenças do abacaxi e sobre questões ambientais (uso de agrotóxicos e desmatamentos), qual a preocupação da EMBRAPA sobre esses aspectos e o que está sendo feito e ainda quais as perspectivas para os próximos anos. O mesmo respondeu que há uma preocupação da EMBRAPA com relação à sustentabilidade e que já vem desenvolvendo pesquisas com alguns resultados promissores no sentido de ir reduzindo os impactos que a atividade tem gerado. Disse que já foi lançada uma nova variedade (a Imperial) resistente à doença fusariose e esta variedade vêm apresentando bons resultados e já está em fase de multiplicação para ir substituindo as variedades utilizadas atualmente, e avalia que isso vai reduzir muito o uso de agrotóxicos uma vez que o maior problema da cultura é a fusariose. Disse também que outro fator importante é que já se tem conseguido amenizar bastante os problemas de pragas, monitorando a área e com base na infestação, se recomenda a aplicação do agrotóxico só nos locais onde a infestação está se expandindo, assim tem se evitado aplicar inseticida em toda área com exceção para alguns casos quando se perde o controle do monitoramento. Disse ainda que a pesquisa está conseguindo também, diminuir muito o uso de herbicidas mantendo as ruas com roçagens<sup>3</sup> ou com algumas espécies consorciadas nas ruas sem afetar o desempenho do abacaxizeiro; E concluiu dizendo que as práticas atuais já permite uma boa exploração de áreas já desmatadas anteriormente, evitando assim que se

---

<sup>3</sup> Rebaixamento da vegetação. Nesse caso poda de ervas espontâneas nas ruas do plantio de abacaxizeiro.

desmatem áreas novas, mas assume que as pesquisas ainda precisa avançar muito nesse aspecto da redução do desmatamento. O mesmo acredita que quando houver uma ampliação na multiplicação da variedade imperial para se ter quantidade de mudas suficiente para atender todos os agricultores que plantam abacaxi em Itaberaba, haverá uma significativa redução no uso dos agrotóxicos, o que já significa um grande avanço no caminho do equilíbrio para a sustentabilidade.

Quando analisado o processo de Planejamento para o desenvolvimento do Território, foi possível observar que os representantes territoriais que estão planejando as ações de desenvolvimento juntamente com a sociedade têm consciência da importância dos fatores ambientais mas muitos deles mantêm também com a concepção de colocar a renda como fator determinante para o desenvolvimento e assim continuam focando projetos geradores de renda sem colocar os outros fatores aqui questionados, na mesma dimensão de importância. Embora haja também muitas resistências dentre aqueles que planejam, causadas por aqueles que são contrários a expansão do abacaxi para seus municípios (alguns outros municípios do mesmo território). Mesmo assim os defensores do avanço da cultura do abacaxi com o apoio de algumas políticas públicas têm prosseguido a expansão desta atividade para alguns outros municípios do território.

## **5. Considerações Finais**

O APL do abacaxi em Itaberaba, sem dúvida registra um elevado nível de importância, pois a geração de renda trás bem estar para as famílias envolvidas e para toda a movimentação e sustentação do comércio local. Por outro lado deixa uma grande preocupação sobre qual será o futuro do desenvolvimento desse município. Os dados registrados demonstram a importância de se aprofundar pesquisa sobre esta atividade no sentido da sua sustentação de forma que permita o desenvolvimento e sustentação de outras atividades também importantes como foi citado na referência à apicultura.

Apesar dos avanços com as pesquisas da EMBRAPA, o sistema de exploração atual não apresenta caminhos para a sustentabilidade, portanto faz-se necessário o aprofundamento de pesquisas na busca de alternativas que permita se iniciar um processo de readaptação ao sistema de produção levando em consideração todos os valores aqui relatados. Essa é a principal atividade de geração de renda do município e que tem provocado sérios desequilíbrios ambientais com desmatamentos e uso intenso de agrotóxicos.

Vale ressaltar também a vulnerabilidade econômica que os agricultores familiares estão submetidos com a monocultura ao passo da forte dependência econômico-financeira em apenas uma atividade. Caso ocorra alguma crise gerada pelo mercado ou por alguma praga devastadora todos estarão com sérios problemas. Recomendamos, portanto, que o Comitê gestor incentive a diversidade criando condições através das instituições envolvidas na gestão, para o agricultor explorar outras atividades em suas propriedades que não só o abacaxi, até mesmo fazendo plantios consorciados sob orientações técnicas de forma a diminuir os riscos. Recomendamos também aos agentes financeiros Banco do Nordeste e Banco SICCOOB que, ao financiar projetos para abacaxi, busque monitorar a propriedade a ser implantada a atividade, exigindo que o proprietário cumpra todas as recomendações da legislação ambiental referente à preservação do ambiente.

A atuação da COOPAITA, já significa um grande avanço que nos permite acreditar na possibilidade de tornar essa atividade sustentável e de grande valia para essa região, pois a forma de gestão que a Cooperativa vem implantando de forma participativa significa a superação de uma série de empecilho que não seria resolvido com uma gestão centralizada. Com essa forma de gestão nos faz acreditar que caminhos para a solução dos maiores problemas vão passo a passo sendo contornados. Esse é o grande desafio lançado.

A EMBRAPA está atuando na região, bem como o município já possui a Universidade Estadual - UNEB e o CETEP - Centro Territorial de Educação Profissional. E está iniciando no município as obras de implantação do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IF Baiano. Aprofundar em pesquisas com a Embrapa e essas instituições de ensino tanto de nível universitário quanto de nível técnico é fundamental para ir se descobrindo formas de adaptação dessa cultura a um sistema de produção menos agressivo que permita o equilíbrio e a manutenção dos recursos culturais, ambientais econômicos e favoreça uma boa relação entre as instituições que fazem o desenvolvimento local. E que esta atividade possa ser readequada para ser incorporada no contexto do planejamento para o desenvolvimento territorial.

## 6. Referencias

BANDEIRA, Pedro -**Participação, Articulação de Atores Sociais e Desenvolvimento Regional**- Presidência da República/Secretaria de Estado de Planejamento e Avaliação/ IPEA, Brasília, 1999.

CAVALCANTI Clóvis et. al - **Desenvolvimento e Natureza: Estudos Para Uma Sociedade Sustentável**. INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, 1994.

COOPAITA - **Plano de Ação para a Coopaita** -Cooperativa dos Produtores de Abacaxi de Itaberaba- Ba, Itaberaba, 2010

COOPAITA - **Plano de Ação Fabrica de Frutas Desidratadas da Coopaita**- Cooperativa dos Produtores de Abacaxi de Itaberaba- Ba, Itaberaba, 2010

EMBRAPA MANDIOCA E FRUTICULTURA - **O Abacaxizeiro -Cultivo, Agroindústria e Economia/** Organizadores: Getulio A. P. da Cunha, José R. S. Cabral, Luis F. da S. Souza - Embrapa para Transferencia de Tecnologia, Brasilia,1999.

EMBRAPA MANDIOCA E FRUTICULTURA - **Cultura do Abacaxi na Região de Itaberaba nas Condições de Sequeiro** - Sistema de Produção, 14 ISSN 1678-8796 versão eletrônica dez/2003. Disponível em <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br> acessado em 29 de julho de 2012

IBGE CIDADES, Bahia, Itaberaba-Ba, Censo 2010 [Em linha]. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat> acessado em 27/07/2012

MATOS, Aristoteles P. et. al. - **Monitoramento da Fuariose em plantios de abacaxi 'Pérola' Conduzidos em Sistemas de Produção Integrada no Estado do Tocantins** - Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Cruz das Almas- BA, 2009.

MERICO, Luis. F. K, -**Introdução à Economia Ecológica** - Blumenau: Ed. da FURB, 1996

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado- Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. Hucitec.São Paulo 1988.

SHIVA Vandana - **Monocultura da mente: Perspectiva da Biodiversidade e da Biotecnologia/** Tradução: Daniela de Abreu Azevedo /Gaia: São Pulo, 2003

SEI -Superintendência de Estudos Econômicos. Disponível em <http://www.sei.ba.gov.br> acessado em 26/07/2012.

VEIGA, José E. da- **A Insustentável Utopia do Desenvolvimento** /junho/1993 - in Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil", organizado por Lena Lavinas et. al, São Paulo, Hucitec& ANPUR, 1993